

Ela é sorridente e diz ter se acostumado a conversar gesticulando. Ao iniciar a Aula Magna do mestrado em Comunicação da UFG, no dia 19 de abril, uma segunda-feira, pediu para deixar o microfone sobre a mesa e ter mais liberdade em suas expressões. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), leva essa aparente inquietude para o trabalho, ao falar sem constrangimentos sobre política, cultura e novas tecnologias. Para ela, é possível que a pesquisa em comunicação tenha “múltiplas abordagens”, assim como as possibilidades que temos no dia-a-dia de usar a linguagem. Uma delas seria enxergar a comunicação como proposta de intervenção social. Outra, interpretar o que querem dizer os processos comunicativos e as tecnologias no cotidiano, sem fatalismos ou entusiasmos extremos. Graduada em Ciências Sociais, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela USP e pós-doutora pela Universidade de Florença, Immacolata acumula experiência em pesquisas sobre o campo e a metodologia da comunicação, recepção e ficção televisiva. Durante sua palestra, deixou um desafio aos jovens pesquisadores: considerar as tensões que se configuram na sociedade. Ao final do evento, ela conversou com o **Jornal UFG** e com o webjornal Jovens Jornalistas, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb).



so sentidos de acordo com a forma de interação com eles. Ler jornal é uma coisa, ouvir rádio e assistir à televisão é outra. Exigem raciocínio, imaginação e um tipo de dispositivo diferentes. E essas novas tecnologias trabalham de uma forma mais acentuada ainda a cognição, se você pensar nas possibilidades da inteligência artificial, de fusão entre homens e máquinas, de mandar no próprio corpo, de interferir na reprodução, enfim, se pensar na “ciborguização” do homem.

Isso quer dizer que as tecnologias e as mídias são encaradas como um suporte das ações humanas mais cotidianas. A senhora acredita em uma cultura pós-humana, em que não há mais um limite tão preciso entre máquinas e pessoas?

Não se trata de acreditar. Pós-humano é desumano? Esse pós-humano não é outra etapa do humano. Isso é encarado dessa forma por causa da interação do homem com a máquina. A tecnologia chegou ao ponto de poder intervir diretamente no corpo. Já pensou se tivéssemos um dispositivo tal dentro do corpo que não precisasse mais de celular como aparelho? Imagine o cérebro com esse tipo de dispositivo? Dizer que há uma substituição da essência do homem não é fazer futurologia?

Durante a sua palestra, foi muito mencionada a possibilidade de estudar comunicação para intervir socialmente. Podemos lembrar nomes latino-americanos, como Juan Diaz Bordenave, Mario Kaplún, Maria Cristina Mata, Jesus Martín-Barbero etc. que se assumiram como militantes, fazendo pesquisa a partir da práxis social. Como isso se configura?

Estou cada vez mais latino-americana, nesse sentido.

Pesquisa de intervenção é outra maneira de dizer que se tem compromisso com o meio, com a sociedade onde ela é feita. É o ponto inicial do pesquisador. Ele deve estudar, se dedicar e dar o melhor de si, das suas capacidades, para um objeto, para um problema que é demandado pela sociedade. Essa é uma maneira de a pesquisa em comunicação dar respostas a problemas da sociedade. Mas, no Brasil, essa perspectiva é um pouco distante, por causa do engajamento político dos jovens, da visão política dos jovens, que é diferente dos outros países do continente. Jesus Martín-Barbero fala, de maneira muito apropriada, que a pesquisa em comunicação já respondeu muito mais a uma agenda de país. Quando falamos de agenda de país, falamos daquilo que mais nos choca, do que é mais urgente, importante e significativo.

A senhora poderia destacar um grupo de pesquisa, algum pensador brasileiro, ou alguma rede ou região que tenha essa preocupação mais aflorada e poderia servir de exemplo?

Em todo lugar se tem vinculado as questões de comunicação popular, alternativa, estudos de recepção, estudos de comunicação política ou sobre jovens e cultura. Entendo que poderíamos trabalhar mais essa questão da cultura juvenil e o que ela quer dizer. Pode ser que se esteja fazendo política hoje de uma forma que não se está vendo. A grande transformação de tempos atrás dizia respeito às músicas de protesto, por exemplo. Mas e agora? E os grupos de agora? O *hip-hop* ou até mesmo o sertanejo?

O desafio de encarar o futuro por meio das mídias

Patrícia da Veiga
Elaine Gonzaga

O que é pensar o ser humano, as suas relações com outros seres humanos, com a natureza, com a sociedade, a partir da comunicação?

Se os meios de comunicação não tivessem a importância que tiveram e têm, de moldar a maneira de viver da sociedade contemporânea, nossos estudos não

existiriam. Por causa dessa importância, alguns falam da centralidade dos meios e dos processos comunicativos. A comunicação, por meio do cinema, do rádio, do jornal, da internet e da virtualidade, atravessa o modo de as pessoas pensarem e atuarem em sociedade. Vale lembrar que todas as questões que tratam dos nativos digitais, essa nova geração, por exemplo, e da maneira como eles interagem com

a máquina, com o meio, têm a ver com uma mudança de percepção. Talvez até um novo tipo de inteligência. Antigamente se aprendia tudo muito mais tarde, hoje em dia a velocidade com que as pessoas lidam com o conhecimento e com as máquinas surpreende. Desde os anos 60 o canadense Marshal McLuhann diz que os meios de comunicação são extensão do corpo do homem e que nós desenvolvemos nos-

Confira outros trechos da entrevista em www.jornalufgonline.ufg.br